
Caso Joelma Figueiredo: uma análise sobre os comentários de uma publicação sobre racismo e lesbofobia¹

Maria Clara Soares Rodrigues²
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Resumo: Este trabalho analisa os comentários presentes em uma publicação sobre o caso de Joelma Figueiredo, vítima de lesbofobia e racismo. O procedimento metodológico utilizado foi o de reunir os discursos que emergiram do post em agrupamentos de significados semelhantes, ou constelações de sentido (Machado; Gonzatti, 2020), que nos permitissem realizar uma análise detalhada do *corpus* e, ainda, ter um panorama geral sobre ele. Como resultado, identificamos que o material era integralmente composto por comentários de apoio à vítima, os quais dividimos nas constelações: “Indignação com a discriminação”, “Empatia com a vítima” e “Repulsa ao criminoso”. Tais achados explicitam como os comentários cibernéticos podem potencializar a articulação de grupos sociais.

Palavras-chave: instagram; lesbofobia; interações; racismo

Introdução

As redes sociais – como espaços de trocas de informações, discursos, mensagens e opiniões – proporcionaram novas possibilidades de interação aos usuários. Isso porque, devido às propriedades específicas do meio cibernético, em que o público consegue curtir, comentar e compartilhar determinadas publicações, a audiência tem um papel ativo e participativo em relação aos conteúdos (Silva; Mattos, 2018). A interatividade nos meios digitais possibilita que o usuário interaja com a informação que foi transmitida a ele e crie diálogos e debates a partir disso. Além de possibilitarem que as mensagens transmitidas ao público sejam interpretadas e comentadas, os meios digitais incitam trocas e debates sobre as mais variadas questões.

As redes sociais atuam como “portas de ingresso” às notícias publicadas nos sites dos veículos de comunicação, visto que elas proporcionam aos usuários o acesso, mesmo que parcialmente, às informações contidas nas matérias, o que, muitas vezes, desperta o interesse do público em ler a notícia na íntegra (Borges; Loures; Borges, 2021). Além disso, a grande e rápida circulação de conteúdos – que impulsiona a visibilidade, o alcance e o engajamento –

¹Trabalho apresentado no GP10 Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: mariaclarasoesrodrigues@gmail.com

também são fatores de relevância para que as notícias estejam presentes nas redes sociais. Neste sentido, os comentários online são bastante utilizados como forma de disponibilizar um espaço aberto à discussão sobre as publicações jornalísticas, o que abre portas para a participação crítica do público em assuntos sociais, políticos e culturais.

Nessa perspectiva, a pesquisa em questão tem como objeto de estudos os comentários de uma publicação³ feita na página do Instagram “@institutoluizgama” sobre um caso de lesbofobia e racismo. O crime aconteceu em 2022 na cidade de Parnaíba (PI) quando um homem (não identificado na matéria), ao realizar um pedido via whatsapp, solicitou ao restaurante que seu “hambúrguer fosse feito po outra pessoa” sem ser Joelma Figueiredo (23), a funcionária lésbica e negra que trabalha como chapeira no estabelecimento. Na mensagem, o criminoso diz que é seu direito expressar opinião e afirma que o restaurante não “deveria colocar esse tipo de gente para trabalhar” por prejudicar a imagem do local.

A equipe do restaurante denunciou o ocorrido nas redes sociais, o que fez com que o caso tivesse uma grande repercussão e fosse noticiado por diversos veículos de comunicação e páginas de notícias. A publicação feita pela pagina “@institutoluizgama” foi selecionada para compor o *corpus* desta análise devido a 3 fatores: 1) por fazer referência a uma notícia do portal de notícias *GI*, veículo de grande credibilidade e autoridade social; 2) por ter um número de comentários relevante, mas, ao mesmo tempo, possível de ser analisado levando em conta as limitações temporais e espaciais do presente trabalho; 3) por ser uma publicação com temporalidade relativamente recente, que nos possibilita ter uma percepção social sobre a lesbofobia e o racismo nos últimos anos.

O objetivo geral da pesquisa, então, consiste em investigar quais discursos estão presentes nos comentários de uma publicação que denuncia um caso de racismo e lesbofobia. Como objetivos específicos, temos: compreender como as interações expressadas nos comentários cibernéticos se caracterizam como uma visão da população sobre determinada temática; identificar e dividir agrupamentos de sentidos semelhantes; observar como as redes digitais oferecem espaço para a identificação de pensamentos e ideais entre os usuários.

Seguiremos os seguintes procedimentos metodológicos para analisar a recepção social do público sobre o caso de Joelma Figueiredo: 1) analisaremos a maneira como o caso foi

³ Publicação no Instagram:
https://www.instagram.com/p/CbKd_eaL_Xu/?igsh=MXM2bjc0MXJucHZxeg%3D%3D. Acesso em junho de 2025

enquadrado na legenda do post; 2) faremos uma observação integral sobre as as reações e comentários que resultam do encontro do público com o objeto; 3) por último, realizaremos o agrupamento dos significados semelhantes em eixos temáticos, nomeados por Machado e Gonzatti (2020) como “constelações de sentidos”, que nos permitam realizar uma análise detalhada e específica sobre os comentários e, ao mesmo tempo, ter um panorama integral e ampliado de cada grupo.

No presente trabalho, em um primeiro momento, discorreremos acerca da necessidade de um olhar interseccional para levar em consideração todos os marcadores sociais da diferença que atuam sobre os corpos e os posicionam na sociedade de forma hierárquica. Dessa forma, é possível compreender as discriminações que Joelma sofreu simultaneamente: as de raça, gênero e sexualidade. Para isso, acionamos potências como Kimberlé Crenshaw, Patrícia Collins, Judith Butler e Maldonado-Torres. Posteriormente, realizamos a análise com base nos procedimentos metodológicos descritos anteriormente e a articulamos com os estudos sobre os movimentos sociais, que condizem com os achados da presente pesquisa.

A importância de um olhar interseccional

Patrícia Hill Collins (2021) argumenta que, embora não haja uma definição padrão para interseccionalidade, é importante considerar que alguns princípios são norteadores da perspectiva interseccional: o reconhecimento da articulação e do cruzamento entre os sistemas de opressão e a percepção de que os problemas sociais resultam das diferentes posições dos indivíduos dentro dos sistemas de poder são alguns deles. Além disso, de acordo com a autora, a visão que os indivíduos têm sobre os fenômenos sociais depende de qual lugar ocupam na hierarquia social.

Isso porque, segundo Collins (2021), a hierarquia social assume diversos formatos dentro de instituições sociais como escolas, restaurantes, bancos, agências governamentais e hospitais, fazendo com que o domínio disciplinar do poder aja de forma excludente e violenta com indivíduos que estão situados na base dessa estrutura. A pirâmide social, dessa forma, é uma organização complexa que coloca corpos brancos, de homens, magros, afortunados, heterossexuais e sem deficiência no topo (dos privilégios em geral) e marginaliza as outras existências à inferioridade e à falta de acesso aos direitos civis e humanos. Mulheres negras, nesta estrutura, constituem o grupo mais vulnerabilizado socialmente, principalmente se

forem perpassadas por outros marcadores sociais da diferença como classe, deficiência e sexualidade.

Nessa perspectiva, Collins (2021) ainda defende que a perspectiva interseccional é útil para “analisar problemas específicos que afetam populações específicas dentro de uma determinada matriz de dominação” (p. 7), de forma a compreender como as relações de poder estão articuladas e se organizam. De acordo com a autora:

A matriz de dominação se refere a como a dominação política em nível macro de análise é organizada por meio de sistemas de opressão que se cruzam. O heteropatriarcado, o neocolonialismo, o capitalismo, o racismo e o imperialismo constituem formas de dominação que caracterizam a geopolítica global, assumindo diferentes formas entre os Estados-nações e que influenciam todos os aspectos da vida social (Collins, 2021, p. 7)

Desse modo, assim como pontua Crenshaw (2002), é essencial levar em consideração as características que atravessam as existências para compreender como as discriminações operam juntas, especialmente no caso de mulheres negras, em que os preconceitos de gênero e raça atuam de forma conjunta limitando suas chances de sucesso (Crenshaw, 2022, p. 2). Neste sentido, Gloria Anzaldúa (2005), em *La Consciência de la Mestiza*, afirma que “como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita” (p. 707) denunciando a rejeição (no que tange à raça e à orientação sexual) dentro dos próprios grupos sociais que pertence. Tal exclusão é consequência de uma visão que não considera as articulações interseccionais que permeiam as identidades das pessoas.

Joelma Figueiredo – a vítima do caso em análise – é uma mulher negra e lésbica e, portanto, além das questões de gênero e raça, é perpassada pela sexualidade dissidente da normativa, o que a estigmatiza a um lugar social ainda mais subalterno. Ao fugirem dos pequenos enquadres normativos impostos pelas estruturas de poder, mulheres negras e lésbicas (especialmente se não performam aquilo que é entendido socialmente como feminilidade), estão ainda mais vulneráveis a sofrer violências e serem marginalizadas na sociedade. Rejeitar certas funções atribuídas socialmente ao gênero instituído como feminino, como as referentes à reprodução e ao cuidado (da casa, do lar, do marido, da alimentação) (Maldonado-Torres, 2018) é considerado uma afronta aos sistemas de dominação.

Maldonado-Torres (2018) defende que as dinâmicas normativas de gênero e sexualidade são impostas de modo explícito e contundente por várias instituições políticas e

sociais, mas também de forma sutil por meio da educação e da mídia que reiteram, a todo momento, ideias e ideais dominantes. Através desses meios, são transmitidas não só normas de como se deve viver e performar a vida, mas também representadas as pessoas que são importantes — que devem ser preservadas e estimadas porque têm valor para a sociedade — em detrimento das que são descartáveis e não dignas de luto (Butler, 2017), as quais são estigmatizadas ao apagamento ou retratadas de maneira negativa.

Butler (2017) argumenta que quanto mais próximas as pessoas estiverem dos padrões normativos como os de gênero, sexualidade, raça e classe, mais são vistas como importantes (durante a vida e após a morte) e, conseqüentemente, acessam melhores condições de sobrevivência em todos os quesitos. Em contrapartida, ainda de acordo com a autora, os corpos que destoam do modelo hegemônico são “abandonados” social, institucional e/ou politicamente e expostos a sistemáticas formas de negligência. Como discutido por Butler (2017), são corpos atribuídos à vulnerabilidade por campos de poder que atuam sobre e por meio deles, visando produzir diferenças acompanhadas de desigualdade.

Corpos como o de Joelma, por exemplo, em razão dos legados do colonialismo (Maldonado-Torres, 2018) e das manifestações lesbofóbicas que expressam ódio às mulheres que não seguem as imposições dos sistemas patriarcais e heteronormativos em sua totalidade, são vistos como de menor valor social e, por isso, como menos dignos de acessar direitos básicos, como o de ser respeitado. Para Gloria Anzaldúa (2005), essas desigualdades têm origem nas estruturas de pensamentos dualistas – como homem/mulher, branco/não branco – que moldam nossa cultura, linguagem e vida. Isso porque, esses binarismos estabelecem relações de poder em que necessariamente um dos polos é valorizado em detrimento do outro, o que ocasiona uma hierarquização das diferenças. Por isso, segundo a autora, somente dando fim a essas dicotomias é que será possível mudar a forma como percebemos a realidade e construir um futuro sem violências como o racismo e o estupro.

Análise do *Corpus*

Nesta seção, nos dedicaremos a realizar a análise dos comentários para compreender os discursos presentes ali sobre o caso de lesbofobia e racismo praticado contra Joelma Figueiredo. Na publicação realizada pelo Instituto Luiz Gama, o caso foi descrito a partir da matéria noticiada pelo G1 e reúne as principais informações sobre o crime. Além disso, no

final da legenda há o link da matéria na íntegra, que contribui para sugerir ao usuário que faça a leitura completa.

Para realizar a análise, primeiramente, fizemos uma observação sobre os 119 comentários presentes no objeto e, posteriormente, definimos os agrupamentos. Assim, foi possível que o objeto tivesse autonomia em nos mostrar os sentidos ali construídos e delimitar os agrupamentos de significados de modo assertivo. Diante dos 119 comentários da publicação, nos deparamos integralmente com discursos de apoio à Joelma, o que pode ter relação com o caráter progressista da página “@institutoluizgama”, que adota um posicionamento de defesa dos direitos humanos e, consequentemente, atrai seguidores que, em sua maioria, não compactuam com práticas preconceituosas.

Mais especificamente, identificamos no material três constelações de sentido: a de Indignação com a discriminação (com 38% dos comentários), Empatia com a vítima (que corresponde à 26%) e a de Repulsa ao criminoso (com 36%). Os agrupamentos dizem respeito, respectivamente: 1) aos comentários que se espantam por esse cenário preconceituoso estar ainda presente nos dias atuais; 2) aos discursos que demonstram explicitamente apoio à Joelma; 3) aos que expressam revolta à atitude do violentador.

1) Indignação com a discriminação

Esse agrupamento reúne 45 comentários (ou 38% do total de 119) e diz respeito aos discursos que se surpreendem (negativamente) por discriminações de gênero, raça e sexualidade acontecerem ainda hoje, mesmo após tantas lutas e avanços dos movimentos sociais contra o preconceito. Tratam-se de discursos que expressam um desejo de justiça social e uma perplexidade diante da recorrência da discriminação contra determinados corpos. Alguns exemplos:

É inacreditável uma coisa dessas!! 🤔🤔🤔 (COMENTÁRIO 1)

Inacreditável. (COMENTÁRIO 2)

Esse tipo de coisa me dá ânsia de vômito. Não sei porque ainda me surpreendo. 😞 (COMENTÁRIO 3)

100nhor, a que ponto estamos chegando. 😞😞😞 (COMENTÁRIO 4)

Gente assim existe mesmo né.... Que bagulho doido (COMENTÁRIO 5)

Gente. É inacreditável, mas essa é, infelizmente a realidade q vivemos (COMENTÁRIO 6)

E depois ainda perguntam como a escravidão durou tanto tempo aqui. (COMENTÁRIO 7)

Que absurdo! Racismo é homofobia é crime (COMENTÁRIO 8)

2) Empatia com a vítima

São 26 os comentários englobados neste agrupamento (ou 22% do total) e se referem aos que expressam apoio à Joelma mais explicitamente, seja demonstrando solidariedade, empatia ou identificação com sua dor. Discursos que evidenciam atravessamentos de experiências pessoais, especialmente de mulheres negras e lésbicas que se reconheceram no sofrimento da vítima. Além disso, esses comentários demonstram como o racismo e a lgbtfobia fazem sofrer uma comunidade inteira que é constantemente violentada por esses sistemas, mas que exige punições e denuncia essas estruturas opressoras.

         FOGO NOS RACISTAS! eu MULHER NEGRA E LÉSBICA jamais me calarei diante de tamanha agressão (COMENTÁRIO 9)

E ainda tem diversas pessoas aqui na cidade duvidando da veracidade desse ocorrido, como se fosse muito difícil racismo e lesbofobia no Brasil. Certamente essas pessoas não sabem o que é ser preto e lgbtqi+ e como diariamente a gente passa por isso. (COMENTÁRIO 10)

Quanto mulher, negra e lésbica lamento informar que esse tipo de desrespeito a nós quanto LGBTQIA+ no geral tem sido cada vez mais escancarado! Falta cadeia, falta punição, falta posicionamento dos Governantes e sobretudo da Sociedade. Me solidarizo com está irmã... Ela com certeza não está SOZINHA. (COMENTÁRIO 11)

Não temos um minuto de paz. Racistas não passarão. (COMENTÁRIO 12)

Meu Deus, quanto preconceito. 😞 Minha solidariedade à Joelma! [#TodosmerecemserRespeitados/as](#). (COMENTÁRIO 13)

3) Repulsa ao criminoso

Com 43 comentários (ou 36% dos 119), esse agrupamento diz respeito aos discursos que demonstram revolta diretamente ao violentador pelos crimes que cometeu contra Joelma. Os discursos revelam o desejo de que o criminoso seja devidamente responsabilizado, mas, além disso, que a punição sobre o racismo e a LGBTfobia seja garantida pelo sistema jurídico, algo que em grande parte das vezes não ocorre. O ódio, presente em muitos desses comentários, pode ser entendido como uma resposta coletiva aos sistemas de opressão que marginalizam corpos negros, de mulheres e com sexualidade distinta da heterossexual. Alguns exemplos desses comentários:

Daí quando a gente tem um ataque de fúria e mete o pau nos racistas porque a impunidade está a solta, ficamos como culpados. Esse povo racista me dá nojo 🤢🤢🤢🤢🤢 (COMENTÁRIO 14)

Nojo de gente assim. Que vah preso, pague alguma multa, sei la, ago q faça aprender as coisas nem q seja na marra (COMENTÁRIO 15)

Estupidez do sujeito é gigantesca. (COMENTÁRIO 16)

só 🔥 numa desgraça dessa (COMENTÁRIO 17)

Sou pacífica mas entendo quem sr utiliza da violência para adestrar socialmente alguém assim. Pq me explica: como ensinar empatia, amor e respeito à quem só enxerga a si como ser dotado de direitos, digno de respeito e como "padrão de normalidade"? (COMENTÁRIO 18)

Tem que ir pra c4deia! Fico com ódio de um miséria desse e triste pela pessoa que tem que passar por isso (COMENTÁRIO 19)

A análise dos comentários nos permite observar as diferentes formas de engajamento político frente às violências racistas e lesbofóbicas. Cada agrupamento expressa uma articulação social para se posicionar coletivamente em relação ao caso e exigir justiça por Joelma. Neste sentido, Maldonado-Torres (2018) defende que a decolonialidade não é um projeto de salvação individual, mas coletivo, em que a comunidade negra precisa pensar e agir unida de forma a “perturbar e desestabilizar a colonialidade do saber, poder e ser” (p. 16) e, assim, provocar mudanças sociais.

Sobre as emoções que o Outro é capaz de despertar em nós – efeito-base para a formação de grupos e movimentos sociais – Suely Rolnik (2018) pontua que são resultado da “experiência subjetiva que o outro vive efetivamente em nosso corpo, por meio dos afetos” (p. 111). Segundo a autora, sentimos a presença do outro em nós por meio do compartilhamento da condição de viventes, o que nos transforma em um só corpo. Rolnik (2018) ainda afirma que esse “corpo” pode atuar de diferentes maneiras no interior das esquerdas e visa um Estado que amplie a noção de igualdade e distribua lugares menos assimétricos nos âmbitos político, econômico e social.

Para Rolnik (2018), a articulação dos movimentos sociais é resultado de uma resposta ao trauma que “convoca o desejo a agir” (p. 102) e de uma potência vital que tende a se intensificar. Quando isso ocorre, o desenvolvimento do pensamento crítico é ampliado, o que, segundo a autora, torna as pessoas mais capazes de compreender os efeitos das violências e de pensar em formas de combatê-los. Neste sentido, Butler (2017) defende que a necessidade de demandas específicas, o senso de injustiça e a motivação por mudança são alguns dos fatores que podem manter o povo unido com o objetivo de resistir às desigualdades sociais, à vulnerabilidade atribuída a muitas populações e às formas de controle autoritário que tentam suprimir os movimentos democráticos. Além disso, acrescenta que os corpos se reúnem para “demonstrar que são corpos e para deixar politicamente claro o que significa persistir como um corpo neste mundo, quais requisitos devem ser atendidos para que os corpos sobrevivam e quais condições tornam uma vida corpórea, a única que temos, digna de ser vivida” (p. 16, trad. minha).

Considerações finais

A partir da análise realizada, é evidente como grupos sociais podem se unir para defender seus membros e lutar contra as manifestações preconceituosas dos sistemas de opressão. Ainda, é possível perceber que, embora a internet frequentemente funcione como um espaço de retroalimentação de discursos de ódio, é evidente como também pode ser utilizada como ferramenta para articular ativismos e manifestações sociais. Um espaço em que as pessoas podem lutar por respeito, por melhores condições para viver vidas que importam (Butler, 2017) e contra as estruturas de opressão. Além disso, as propriedades cibernéticas possibilitam que crimes de violência, como os cometidos contra Joelma

Figueiredo, tenham visibilidade e sejam compreendidos como problemas públicos que precisam ser resolvidos.

Referências

ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza: rumbo a una nueva conciencia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704–719, 2005.

BORGES, R.; BORGES, D.; FREIRE, G. **Instagram e jornalismo: caminhos diversos no uso da rede social por jornais de diferentes portes e alcances**, 2021. Disponível em: < <https://abre.ai/lwVj> >. Acesso em 22/06/2025

BUTLER, J. Vulnerabilidad corporal, coalición y la política de la calle. Tradução de Luz Hincapié. **Nômadás** (Bogotá), n. 46, p. 13–30, abr. 2017.

COLLINS, P. A diferença que o poder faz: interseccionalidade e democracia participativa. Tradução de Carina Jéssica de Souza e Elisa Duarte do Nascimento. **Revista Sociologias Plurais**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 11–44, jan. 2022

CRENSHAW, K. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: RIBEIRO, Matilde (org.). **Interseccionalidade**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2008. p. 7–24.

MACHADO, F; GONZATTI, C.; Shun de Andrômeda e as correntes das masculinidades: gênero, jornalismo de cultura pop e construção de sentidos em redes digitais. **Revista Mídia e Cotidiano**, v.14, n.2, 2020.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 197-220.

ROLNIK, S. Insurgências macro e micropolítica. In: _____. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 99–131.